

Este documento compõe parte de um levantamento de textos, publicações, pesquisas e um variado conjunto de materiais textuais produzidos pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil. Atuante desde 2007 e integrado por diferentes pesquisadores, o núcleo de pesquisa dedica-se a investigar temas relacionados ao acervo do Museu, bem como estende suas atividades aos demais núcleos de atuação no interior da instituição.

POR FAVOR, tenha em consideração que este texto pode ter sido utilizado para fins específicos no interior da instituição, isto é, dentro de contextos pontuais da dinâmica museológica. De qualquer modo, sua publicação almeja contribuir para o acesso por pesquisadores e estudantes a temáticas e campos ainda pouco explorados.

Como citar esse texto:

MARCUSSI, Alexandre de Almeida. Candomblé. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010. Disponível em: [<CITAR FONTE ONLINE>]. Acesso: [CITAR DATA]

Candomblé

Resumo: Introdução geral à prática religiosa do candomblé, desde os tipos de iniciados, distinções regionais, tipos de festas dirigidas às divindades até dados demográficos.

Palavras-chave: Candomblé, religiosidade afro-brasileira, Alexandre de Almeida Marcussi, Museu Afro Brasil

No começo dos tempos, Olodumare criou os homens [...] Orunmilá, também chamado Obá Jeunjeum, ou “Rei-que-Come-Alimento”, na língua dos orixás, ofereceu-se para levar os homens ao mundo e cuidar deles lá, com o que Olodumare concordou plenamente. Previdente, Orunmilá consultou o babalaô, que o mandou oferecer sacrifícios antes de partir. Ele deveria preparar sementes de legumes e tubérculos. O ebô foi feito. Do Orun, Orunmilá despejou essas ofertas na Terra. Caindo no solo, as sementes germinaram, os tubérculos brotaram. As plantas cresceram, dando folhas, frutos e sementes, e foi com essa abundância que Orunmilá alimentou os homens. Os serem humanos reproduziram-se e se espalharam pela Terra toda.

Reginaldo Prandi, *Mitologia dos Orixás*

Conta a mitologia do candomblé que universo foi criado por Olodumare, mas, terminada a criação, ele se afastou e deixou que o mundo fosse governado pelos orixás. Por conta disso, embora reconheçam a existência de um deus supremo da criação, não é a ele que prestam homenagem em seus cultos de grande complexidade, sutileza teológica e beleza, mas justamente a essas outras divindades mais próximas, participantes ativos do dia-a-dia das atividades mundanas.

Diversidade regional e étnica

O candomblé não é simplesmente um culto religioso padronizado, mas antes uma série de cultos estreitamente aparentados, à semelhança do que ocorre com outras religiões que possuem diversas denominações, com algumas divergências nos preceitos teológicos e no ritual. Os diversos ritos do candomblé são normalmente agrupados em “nações”, sendo a mais conhecida e disseminada nos meios de comunicação a chamada nação *queto*. Juntamente com outras nações como *efã*, *ijexá*, *nagô* e *mina-nagô*, ela pertence ao tronco conhecido como *iorubá*, com origens africanas localizadas em partes da Nigéria e do Benim. Existem ainda candomblés de nações *angola* e *jeje*, entre outras menos conhecidas. O nome candomblé está historicamente associado aos cultos da Bahia, mas cultos semelhantes recebem outras denominações regionais, como *xangô* em Pernambuco, *tambor de mina* no Maranhão e *batuque* no Rio Grande do Sul. O termo candomblé, contudo, tem se disseminado para outras regiões do Brasil e para outros países à medida que a religião ganha mais adeptos. Até por conta disso, algumas pessoas preferem simplesmente denominar todas essas variações com o nome de *religião dos orixás*.

2

Divindades

Sabe-se que, na Nigéria e no Benim, mais de quatrocentas divindades eram cultuadas no total. No Brasil, contudo, a maior parte dos templos de candomblé reconhece em torno de 20 orixás diferentes, cada qual associado a um aspecto do mundo natural ou humano. Por exemplo, enquanto Ogum é o orixá da metalurgia, da guerra e da agricultura no rito *queto*, Oxum é uma divindade feminina ligada à água doce, à beleza e à vaidade. Nenhum orixá é completamente “bom” ou “mau”. Como os homens, com os quais se assemelham, eles são capazes do melhor e do pior, têm defeitos e qualidades e exibem características que podem ser produtivas em alguns contextos e destrutivas em outros.

Cada orixá pode se subdividir em algumas “figuras” ou “manifestações” particulares, cada qual associada a uma passagem ou episódio de sua mitologia: assim, enquanto Oxaguiã é o Oxalá jovem e está associado à cultura material, Oxalufã é o Oxalá velho e se associa à criação do homem. Em muitos templos, cada orixá tem um correspondente entre os santos católicos: assim, é comum que Iansá, orixá que comanda as tempestades, seja associada a Santa Bárbara. Ressalte-se que, na África, cada templo é dedicado a apenas uma divindade, enquanto, os templos ou *terreiros* do candomblé, ainda que tenham um orixá patrono, dedicam-se ao conjunto total das divindades.

Os nomes das divindades, bem como sua importância relativa na mitologia, podem variar de acordo com as nações. Nos candomblés *angola*, por exemplo, elas são chamadas *inquices*, enquanto o candomblé *jeje* as denomina *voduns*. Outras divindades também são cultuadas nos terreiros de algumas nações. Assim, alguns templos *angola* incluem entre suas entidades, além dos *inquices*, também os *caboclos*, ou espíritos aos quais se atribui origem indígena. No *tambor de mina*, além dos *voduns*, os fiéis também cultuam entidades femininas infantis conhecidas como *tobossas*.

Fiéis e iniciados

Os participantes de cada terreiro se dividem em uma hierarquia organizada de acordo com o grau de proximidade do fiel com as divindades. Segundo o candomblé, toda pessoa tem seu espírito dedicado a um orixá – ou a um conjunto de orixás, em alguns casos. Atribui-se ao indivíduo características de personalidade condizentes com seu orixá patrono. Essa ligação pode ser estreitada por meio de uma complexa série de rituais de iniciação, os mais simples dos quais são a lavagem do colar de contas e o *bori*, cerimônia destinada a fortalecer o espírito do fiel e prepará-lo para o contato direto com o orixá.

Esses estágios iniciais podem ou não se desdobrar na iniciação completa, por meio da qual o fiel, então chamado *iaô* ou *filho-de-santo*, torna-se um veículo de seu orixá na terra. Durante as cerimônias e festas públicas do candomblé, os *filhos-de-santo* são possuídos pelos seus orixás: neste importante momento do transe divino, o iniciado entra em uma espécie de estado de inconsciência enquanto o orixá “baixa” e toma o controle de seu corpo para dançar e encenar cenas míticas. Um *filho-de-santo* que tenha se iniciado há sete anos pode ganhar o título de *ebômi* e então ocupar diversos cargos especializados no terreiro, culminando no cargo máximo de *babalorixá* (“pai-de-santo”) ou *ialorixá* (“mãe-de-santo”), autoridades espirituais máximas. Em cada um desses estágios, o fiel fortalece seus laços com o orixá e sua força espiritual, ou *axé*, e entra em contato com saberes rituais e mitológicos cada vez mais restritos, mas também está sujeito a restrições e tabus progressivamente maiores.

Além dos iniciados propriamente ditos, todo terreiro possui um número de fiéis que não completaram sua iniciação (alguns dos quais jamais chegam a completa-la) e que não são possuídos pelos orixás. Trata-se dos *ogãs* e das *equedes*, que executam tarefas fundamentais do rito, como tocar os tambores ou paramentar e auxiliar os *filhos-de-santo* em sua dança, enquanto estes se encontram no transe divino. Por fim, nem todas as pessoas que frequentam um terreiro ou recorrem à ajuda dos orixás participam ativamente do culto. Muitos comparecem apenas para presenciar a beleza das cerimônias, enquanto outros realizam apenas consultas particulares com os *babalorixás* e *ialorixás*, nas quais consultam o oráculo e recebem orientação de como propiciar os orixás para obterem a solução para seus problemas.

Os toques e festas

A parte mais pública e conhecida do candomblé são os toques, como são chamadas as cerimônias e festas públicas da religião. Cada terreiro possui um calendário litúrgico com diversas festas em homenagem aos diferentes orixás. Destacam-se as cerimônias que iniciam o ano-novo do calendário do candomblé, como as do “Inhame Novo” ou as “Águas de Oxalá”, bem como o ciclo de festas que se estende entre setembro e dezembro, homenageando várias divindades na sequência. Além dessas festas fixas, cada nova iniciação é ensejo para um toque em que a comunidade acolhe seus novos filhos.

A estrutura básica do toque se repete: ele se inicia pela manhã com o sacrifício dos animais cujo sangue – veículo máximo do *axé* ou da força espiritual – é ofertado aos orixás, enquanto a carne é preparada e consumida pelos fiéis. Prossegue com uma oferenda a Exu, divindade que abre os caminhos, e depois com os cantos e danças com os quais os orixás são homenageados em uma sequência conhecida como o *xirê*. É neste momento de celebração que, ao som dos atabaques e dos cantos dedicados a cada divindade, os orixás descem à terra e dançam através dos corpos de seus filhos. É comum que uma primeira possessão seja seguida de um recolhimento do *filho-de-santo*, que depois retorna paramentado com as roupas e acessórios de seu orixá para a dança dos deuses. Os cultos do candomblé são conhecidos por sua rica iconografia, que muitas vezes fascina e encanta aqueles que assistem às cerimônias.

Uma “metafísica sutil”

4

Muitas vezes se dá demasiada atenção às festas do candomblé, que são seu aspecto mais público e visível, deixando de considerar que a religião dos candomblés também corresponde a toda uma visão de mundo. O candomblé propõe uma relação bastante individualizada entre o fiel e o orixá que é seu patrono. Com isso, sua diversificada mitologia fornece um instrumento a partir do qual organizar e compreender melhor a diversidade dos homens e de suas ações no mundo e orientar o comportamento das pessoas.

Embora reconheça divisões e às vezes até conflitos entre os orixás e seus filhos, também afirma que o universo só se sustenta a partir de uma trama de comunicações, interações e complementaridades entre as partes. Cada fiel deve render homenagem a seu orixá, mas é toda a comunidade que se beneficia das bênçãos coletivas do conjunto dos orixás. O que seria de uma comunidade que preza pela guerra de Ogum, mas é incapaz de promover o amor de Iemanjá? Assim, o candomblé ensina a seus fiéis que diferentes tipos de ação ou personalidade, diferentes fenômenos da vida cotidiana, antes de serem intrinsecamente bons ou ruins, são necessários à continuidade saudável vida desde que se exerçam com harmonia. Por isso, o candomblé está longe de oferecer apenas poder ou força espiritual para os filhos-de-santo, pois estes vêm acompanhados de restrições e obrigações que correspondem também às suas responsabilidades perante os deuses e as comunidades das quais são apenas uma parte.

Tendências demográficas

Pode-se dizer que, longe de ser um resquício do passado, o candomblé é hoje uma religião moderna e em plena expansão em diversas regiões do país e também do exterior, haja vista sua expansão em países como a Argentina ou os EUA. Historicamente, a religião dos orixás, em suas várias denominações, sempre esteve mais atrelada a centros urbanos como Salvador, Recife, São Luís ou Porto Alegre, tendo se consolidado no século XIX. A partir dos terreiros baianos, ela se disseminou para o Rio de Janeiro no início do século XX e depois para São Paulo, onde teve uma grande expansão nos anos 1960.

Pode-se dizer que o candomblé, desde suas origens, sempre teve um potencial universalizador, pela sua capacidade de unir culturas e divindades africanas de diversas procedências diferentes, e também pelo fato de sempre ter atraído brancos para seus ritos mágicos e religiosos. Apesar disso, até os anos 1960, ele podia ser considerado uma religião que abrangia predominantemente as populações negras, histórica e culturalmente vinculadas ao culto dos orixás. Isso mudou muito nas últimas décadas do século XX, com um movimento crescente de diversificação étnico-racial dos fiéis e com uma tendência do candomblé de atrair cada vez mais as classes médias e escolarizadas. Alguns autores atribuem essa tendência a um desencanto crescente com outras religiões dominantes no Brasil, ao tipo de ligação pessoal e individualizada do fiel com os deuses promovida pelo candomblé e a uma rejeição crescente à cultura moderna secularizada.

5

Os dados do censo de 2000 realizado pelo IBGE apontam uma porcentagem total de 0,08% da população brasileira como sendo filiada ao candomblé. Esses dados, contudo, devem ser interpretados com cautela por alguns motivos: em primeiro lugar, o candomblé não é uma religião que exige culto exclusivo, de modo que muitos adeptos reconhecem-se como sendo católicos, ou então simplesmente não revelam sua filiação religiosa devido à discriminação que o povo-de-santo ainda sofre. Em segundo lugar, apenas uma pequena porcentagem das pessoas que frequentam terreiros de candomblé podem se declarar fiéis, por não terem passado por nenhum tipo de iniciação, nem mesmo suas primeiras etapas. Por fim, esses dados referem-se à população total do Brasil, sendo que a religião dos orixás tem mais presença nos centros urbanos. De qualquer modo, considerando-se o número total de fiéis em 2000, 23% se declararam negros, 38% pardos e 37% brancos.

O candomblé está muito longe, portanto, de ser uma religião negra ou étnica, mostrando-se um culto capaz não apenas de encantar, mas de suprir as necessidades e aspirações espirituais dos inúmeros fiéis que dedicam sua vida à beleza dos festejos e à honra de serem os filhos diletos dos orixás, os veículos do sagrado na terra.